

Brasil pode perder privilégios comerciais com UE, EUA e Japão

Bloco inicia processo para retirar benefício do País dado a países pobres com argumento de ser a 5ª maior economia do mundo

SÃO PAULO

A União Europeia anuncia hoje proposta para acabar com privilégios comerciais ao Brasil a partir de 2014, com o argumento de que o País já não é uma economia pobre e não haveria justificativa para manter os benefícios.

O plano marca o fim de 40 anos de um sistema que permitia ao Brasil exportar para o mercado europeu em melhores condições. Mas acima de tudo escancara uma nova etapa da inserção do País na economia mundial.

A Europa concedia o privilégio a mais de 150 países, no valor de quase 50 bilhões de euros em produtos que entravam no continente com tarifas aduaneiras me-

nores. A meta era ajudar os países pobres a incrementar sua participação no comércio mundial.

A meta é de que, a partir de 2014, apenas as 90 economias mais pobres do planeta sejam beneficiadas. Brasil, além de China, Índia, África do Sul e outros emergentes, passariam a ser excluídos. A UE usará a classificação do Banco Mundial de países de renda média como base para a exclusão. Quem perderá mais será a Índia, que tem 50% de suas exportações aos europeus beneficiadas pela redução de tarifas aduaneiras. No total, as vendas que não tiveram taxas cobradas chegaram a 13 bilhões de euros.

O Brasil é o quinto maior bene-

ficiário do sistema, com exportações beneficiadas no valor de 3,4 bilhões de euros. Hoje, 12% das exportações brasileiras aos europeus se beneficiam das isenções, entre eles produtos têxteis, químicos, máquinas, autopeças e alguns produtos agrícolas.

Nos últimos meses, o Itamaraty fez um *lobby* para tentar não perder os privilégios. Mas fontes dentro da chancelaria acreditam que se trata de uma briga perdida.

O comissário de Comércio da Europa, Karel de Gucht, espera a aprovação das medidas no final do ano. Mas dentro da própria UE, há quem resista acabar com os privilégios, entre eles países que mantêm relações estratégicas com a América Latina.

A Europa é a primeira a adotar o fim dos privilégios ao Brasil. O governo japonês já indicou que também suspenderá benefícios e, nos Estados Unidos, o Congres-

so já revê as preferências que concede às exportações brasileiras.

Já o governo estima que americanos, europeus e japoneses apenas estão usando a expansão da economia brasileira como mais uma desculpa para manter suas barreiras e frear as exportações nacionais. Diante da nova realidade, a diplomacia brasileira agora é obrigada a reverter o discurso e alertar que, na realidade, ainda enfrenta desafios sociais e econômicos importantes.

O tom ufanista foi trocado por um que tem como função explicitar a falta de competitividade do setor industrial. De tanto anunciar que seria a 5ª maior economia mundial, países ricos passaram a usar justamente esse argumento para alegar que não há mais porque tratar o Brasil de forma diferenciada, como se fosse um país ainda pobre.

PB